

A PÓS-GRADUAÇÃO NAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS PAULISTAS E A COVID-19: AÇÃO E REAÇÃO

INICIATIVA

O presente boletim é uma contribuição do Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências (IG) e compõe uma série sobre o compromisso da comunidade científica no enfrentamento da crise do novo vírus. Pretende-se tratar diferentes visões, temas, abordagens e reflexões sobre as respostas e possibilidades de ação das universidades diante da pandemia. Neste boletim, busca-se discutir como a pandemia da COVID-19 impactou a pós-graduação das universidades estaduais paulistas, em um sentido duplo de ação e reação.

BOLETIM nº 7

22 de maio de 2020

EQUIPE

Ana Maria Carneiro^{1,2}
(doutora, pesquisadora)
Cintia Granja^{1,4}
(doutoranda)
Daniela Atães de Oliveira¹
(mestranda)
Flávia Colus^{1,5} (mestranda)
Simone Pallone³ (doutora,
pesquisadora)

Filiações:

1. DPCT/IG/UNICAMP
2. NEPP/UNICAMP
3. NUDECRI/ UNICAMP
4. UNU-MERIT
5. MARIHE/TUNI e DUK

Introdução

A Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) são destaques nacionais como universidades públicas intensivas em pesquisa, com atuação ampla e em todas as áreas do conhecimento. As três universidades participam de 35% da produção científica nacional (MARQUES, 2019). Juntas, têm quase 70 mil alunos de pós-graduação (NAOE et. al, 2019), distribuídos em mais de 650 programas. Por sua vez, estes programas representam 12% do total no país e 30% dos programas de excelência pelos critérios da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (MARQUES, 2019). A pós-graduação representa, para estas universidades, pelo menos um terço do total de matrículas. A forte performance científica e o grande foco na pós-graduação estão intimamente conectados, já que no Brasil a maior parte da pesquisa é desenvolvida em universidades, dentro dos programas de pós-graduação.

Tendo em vista esse potencial instalado nas três universidades, este boletim busca discutir como a pandemia da COVID-19 impactou a pós-graduação em um sentido de ação e reação. Em termos de ação da pandemia, são analisadas as restrições que as medidas de isolamento têm colocado para as atividades da pós-graduação na visão de gestores, professores e alunos das três universidades. Em termos de reação dos atores da pós-graduação, apresentam-se as soluções encontradas para continuar as atividades frente às restrições, bem como direcionar esforços para pesquisas relacionadas com o novo coronavírus e suas consequências, atentando para pesquisas correntes e uma agenda de pesquisa para o mundo pós-pandemia.

Este boletim envolveu a realização de 26 entrevistas, envolvendo reitores, vice-reitores e pró-reitores da USP, Unesp e Unicamp; professores e alunos dos Programas de Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica (PPG-PCT), em Divulgação Científica e Cultural (PPG-DCC) e da especialização em Jornalismo Científico, do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp, ligada ao DPCT. Além disso, foram analisadas reportagens especializadas e webinários ocorridos recentemente. Nesse sentido, serão discutidas as atividades de pós-graduação das três universidades, com foco nos três programas apresentados.

Obs.: Uma versão mais longa deste boletim, com mais detalhes e depoimentos dos alunos da pós-graduação, encontra-se no site do DPCT.

Oferecimento das disciplinas

A USP, a Unicamp e a Unesp optaram por dar continuidade às suas atividades no momento da pandemia do novo coronavírus e têm buscado alternativas para a atuação em ensino, pesquisa, extensão e assistência à saúde.

Para isso, as universidades precisaram alterar temporariamente algumas regras de funcionamento. A Unicamp, por exemplo, lançou mais de 30 resoluções para regulamentar a migração para o modo emergencial não-presencial. As resoluções buscaram alterar o prazo de trancamentos, permitir matrícula fora do prazo, suspender a exigência de presença, estender a duração do semestre e dos prazos para defesa, flexibilizar o cancelamento e criação de disciplinas, e permitir a realização de disciplinas, defesas e qualificações integralmente online. A palavra de ordem foi flexibilizar, com o objetivo de não prejudicar os alunos, buscando soluções possíveis, mesmo que não fossem as ideais, conforme apresentado por Marcelo Knobel e Vahan Agopyan, reitores da Unicamp e da USP, e por Nancy Garcia, pró-reitora de pós-graduação da Unicamp.

As atividades de ensino passaram a um formato não-presencial, que só tem sido possível devido à digitalização de processos administrativos e do uso de ferramentas virtuais de apoio ao ensino-aprendizagem. Neste sentido, a pandemia acelerou o processo de expansão no uso dessas ferramentas e da digitalização das atividades administrativas que já vinha ocorrendo. Como aponta Teresa Atvars, vice-reitora da Unicamp, a universidade mostrou uma capacidade de se reinventar em um espaço de tempo curtíssimo. A adaptação para a continuidade das atividades durante o cenário atual tem ocorrido, não sem percalços, mas envolvendo um grande esforço da administração, de professores e de alunos.

Em relação às atividades de ensino da pós-graduação das universidades estaduais paulistas, é

possível perceber uma maior flexibilidade, se comparadas às de graduação, por conta do menor número de estudantes, maior autonomia na realização de seus estudos e pesquisas, além de maior acesso a recursos, como internet e computadores, tendo menos necessidade de assistência da universidade.

Entretanto, isso não significa que a transição tenha sido simples. Os professores entrevistados relataram que houve tanto um processo de reflexão sobre o conteúdo e objetivo das disciplinas, quanto perdas em relação ao oferecimento presencial, especialmente de atividades práticas. Estas últimas passaram até pela inviabilidade de oferecimento de disciplinas baseadas em atividade de laboratório, de campo ou de assistência à saúde. Além disso, o corpo docente das universidades estaduais paulistas demonstra um nível de capacitação bastante heterogêneo no uso das ferramentas digitais de ensino-aprendizagem. Os professores que já utilizavam ferramentas, como o *Moodle*, *Google Classroom* ou *Google Meet*, demonstraram ter mais facilidade. Os que tinham pouca familiaridade com esses recursos, tiveram que aprender como usá-los, e esse processo se deu em ritmos diferentes.

Além disso, o professor Marko Monteiro, coordenador do PPG-PCT, afirmou que foi preciso repensar as práticas de algumas disciplinas que leciona na pós-graduação. Marko acredita que muitos professores tiveram que “sair do automático” e ouvir os alunos, “tirando poeira” de algumas práticas. Apesar disso, o coordenador não sabe se essa mudança terá um efeito de longo prazo, uma vez que, após a normalização das atividades, pode ser que hábitos antigos voltem. Para ele, talvez tenha havido um aprendizado institucional nesse período, embora ele esteja pouco claro ainda.

Nos cursos de Especialização em Jornalismo Científico e Mestrado em Divulgação Científica e Cultural, do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), as impressões dos docentes

não são muito diferentes. Alguns professores se adaptaram melhor às atividades virtuais, enquanto outros se mostraram mais resistentes à continuidade do semestre nos moldes que o isolamento social tem permitido. Mas, seguindo as diretrizes da congregação do Instituto de Estudos da Linguagem (ao qual o programa de mestrado está ligado), as aulas foram mantidas, com adaptações de acordo com as necessidades e possibilidades de alunos e professores.

No curso de Especialização em Jornalismo Científico, os alunos estavam realizando oficinas, que foram profundamente afetadas pela crise atual. A oficina de Jornalismo Científico foi totalmente reprogramada, enfocando nas atividades sobre a COVID-19, levando à criação de uma agência de notícias, o Lab-19, que tem colaborado com a Assessoria de Imprensa da Unicamp e com a Agência Bori. Dentro da nova proposta, os alunos passaram a fazer levantamento de fontes da universidade que pudessem atender à imprensa sobre a doença, além de investigarem os artigos científicos que estavam sendo publicados para produzir notícias e reportagens.

Diante da necessidade de prorrogação da quarentena no Estado de São Paulo, e da incerteza sobre quando e como haverá o retorno às atividades presenciais, a administração das universidades vem discutindo alternativas para finalizar o semestre e o ano letivo. Na USP há a discussão sobre tratar o ano letivo de 2020 conjuntamente, e não os semestres separadamente. A Unicamp, por sua vez, estuda um plano de três fases para a retomada de suas atividades, que ocorreria de forma gradual. O projeto ainda está em fase preliminar, sem datas definidas.

Impactos nas pesquisas

No que tange ao impacto nas atividades de pesquisa desenvolvidas pelos pós-graduandos da USP, Unicamp e Unesp, as três instituições passaram por situações similares, como pôde ser observado nas

entrevistas com seus reitores e pró-reitores de pós-graduação. O principal efeito foi a perda de acesso à infraestrutura das universidades, incluindo grande parte dos laboratórios de pesquisa e arquivos. Quando possível, as atividades de pesquisa estão sendo realizadas a distância.

No entanto, o efeito da perda de acesso às instalações da universidade não foi homogêneo em todos os tipos de pesquisa, visto que houve maiores dificuldades na continuidade de pesquisas experimentais e de campo, assim como nas disciplinas experimentais. Além disso, o impacto no acesso a laboratórios variou nas universidades analisadas.

De acordo com Telma Berchielli, pró-reitora de pós-graduação da Unesp, os serviços essenciais de laboratório continuaram funcionando, de forma a garantir que os alunos não perdessem pesquisas que estão sendo realizadas há anos. Já conforme Carlos Carlotti Júnior, pró-reitor de pós-graduação da USP, atividades de laboratórios da USP foram suspensas, com a manutenção somente dos laboratórios considerados essenciais, muitos dos quais migraram suas atividades para trabalhar com a própria COVID-19. O pró-reitor mencionou, adicionalmente, os impactos negativos da pandemia nas atividades práticas dos cursos de residência, uma vez que os hospitais passaram a focar nas vítimas do coronavírus, havendo redução do número de cirurgias realizadas. Já conforme Marcelo Knobel, na Unicamp deixou-se a critério de cada unidade e dos orientadores escolherem quais atividades seriam consideradas essenciais e que, portanto, seriam mantidas. Entretanto, de forma geral, houve paralisação de laboratórios devido à suspensão da atividade dos técnicos de laboratório, muitos deles parte do grupo de risco da COVID-19.

Do ponto de vista das pesquisas realizadas pelos professores das universidades, os impactos da

pandemia também se mostraram heterogêneos. Conforme destacado por Vahan Agopyan, se por um lado há um aumento de publicações científicas em decorrência do vírus (com o surgimento de editais temáticos, por exemplo), por outro existe a dificuldade na realização de pesquisas experimentais, conforme já mencionado. Outra área afetada é a de pesquisa histórica, que depende do acesso a arquivos e acervos, que em geral não se encontram digitalizados, como lembrou a professora Cristina de Campos, do PPG-PCT. De acordo com Cristina, entretanto, a dificuldade vai sendo contornada com o uso de informações e dados que estão acessíveis, deixando para um período posterior a consulta a materiais não disponíveis no momento.

Soma-se a isso as próprias dificuldades pessoais dos membros das equipes de pesquisa, que precisam lidar com demandas adicionais surgidas em decorrência da pandemia e do isolamento social (como, por exemplo, ter de cuidar de crianças pequenas, outros familiares ou mesmo lidar com problemas de saúde). Conforme mencionado por Maria Beatriz Machado Bonacelli, assessora da pró-reitoria de pós-graduação da Unicamp e professora do PPG-PCT e do PPG-DCC, a pandemia trouxe uma grande mudança na dinâmica de trabalho, que passou a exigir o uso de diferentes mídias e formas de contato. Ela ressalta que essas mídias proporcionam uma oportunidade de aprendizado de uma nova maneira de interação com professores, colegas e familiares. Para Maria Beatriz, com a baixa possibilidade de que eventos científicos e acadêmicos voltem a acontecer presencialmente tão cedo, este formato de interação e comunicação deve perdurar.

A mudança na rotina de trabalho também teve impacto na desigualdade de gênero entre pesquisadores, conforme mostrado em matéria publicada no jornal O Estado de S. Paulo (GIRARDI, 2020), que aponta queda da produção científica de mulheres, especialmente com filhos,

em meio à pandemia. O professor Aleix Altimiras Martin, do PPG-PCT, que tem um filho pequeno, afirmou que a sobrecarga do trabalho doméstico tem influenciado negativamente em sua produtividade acadêmica. Ele também considera que esse *gap* de produtividade normalmente está muito associado às mulheres, mas que também repercute no desempenho profissional no caso de pais que dividem o trabalho de casa. Por último, Aleix ressalta que, apesar de algumas pessoas que tenham mais tempo disponível estejam aumentando sua produtividade, o *gap* vai crescer ainda mais para pessoas que não tenham esse tempo.

Estas são algumas das maneiras como a pandemia tem afetado a pesquisa na pós-graduação. Mesmo com essas restrições, pesquisas em todas as áreas do conhecimento têm desempenhado um papel essencial para a saída da crise atual, e na mitigação de seus impactos. No que tange à contribuição do Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT), por exemplo, ressaltam-se três iniciativas.

A primeira delas é a divulgação de boletins informativos, como este, sobre o papel da comunidade científica neste período de crise, entre outros temas. Segundo Marko Monteiro, o DPCT tem muito a dizer sobre a pandemia, dada a sua posição como ciências sociais e humanas, mas em diálogo com a ciência e tecnologia.

Outra iniciativa importante é a participação de pesquisadores do DPCT no Grupo de Estudos da Desinformação em Redes Sociais (EDReS), grupo interdisciplinar que vem pesquisando as principais desinformações sobre a COVID-19. Tal grupo é formado por professores e alunos de diferentes institutos da Unicamp, contando, ainda, com colaboradores externos à universidade. Por fim, é importante mencionar também iniciativas individuais de professores do departamento, como é o caso do estudo feito pelo professor Renato Pedrosa, sobre a dinâmica de transmissão da COVID-19 (PEDROSA, 2020).

A desinformação sobre a COVID-19 também é tema de pesquisa em andamento no PPG-DCC. Rafael Evangelista, professor do programa começou um trabalho de pesquisa em meados de maio de 2020 com três alunos que estudam temas relacionados à circulação nas redes, desinformação e robôs.

As atividades de internacionalização na pós-graduação também foram afetadas pela pandemia. Se, por um lado, espera-se um impacto negativo decorrente dos cortes ou adiamentos de viagens de alunos, docentes e funcionários para o exterior, assim como perdas nas interações acadêmicas em decorrência dos cancelamentos ou adiamentos de congressos internacionais, por outro lado se facilitou o acesso às atividades internacionais, que foram mantidas de forma online. Conforme Marcelo Knobel, um ponto positivo foi que a pandemia alterou o foco para atividades de internacionalização ‘em casa’. Se antes uma pessoa precisaria aplicar e custear a ida a uma conferência, com a pandemia várias atividades passaram a ser gratuitas e oferecidas de forma online, abrindo uma janela de oportunidades.

A experiência dos pós-graduandos

Se por um lado a decisão de manter as atividades de ensino e pesquisa é importante para continuar dando respostas à sociedade, e não prejudicar o andamento das pesquisas; por outro, esse processo não se dá de forma natural e tranquila. Alguns alunos e professores apresentam dificuldades em relação ao isolamento.

Os desafios se mostram pelo trabalho em casa, que requer algumas mudanças no cotidiano de toda a comunidade acadêmica. Para os estudantes, um aspecto importante a se destacar é o ambiente de trabalho. A falta de um ambiente apropriado prejudica a continuidade de suas disciplinas e pesquisas. Nesse sentido, não se trata somente do acesso à internet ou a computador, e sim de estar em um ambiente familiar executando atividades que seriam executadas no âmbito da universidade.

Muitos estudantes não possuem um espaço dedicado em seus domicílios e, muitas vezes, têm que dividir espaços e recursos com outros familiares.

Outras perdas são relativas aos estudantes ingressantes da pós-graduação, os quais tiveram pouco ou quase nenhum contato presencial com seus professores, orientadores, outros estudantes, e a própria comunidade da universidade. Alguns relataram se sentirem perdidos no início das aulas não-presenciais. O distanciamento levou a uma dificuldade na criação de vínculos e trocas que são importantes nesse período inicial.

Em entrevistas realizadas com alunos do PPG-DCC e da Especialização em Jornalismo Científico, os relatos demonstram diferentes tipos de preocupação e diferentes formas de lidar com o isolamento social. Segundo Maria Cortez Salviano, representante discente do curso, as principais questões apontadas por colegas foram relativas à dificuldade de concentração nas aulas virtuais, na pesquisa, leituras, estudos, e preocupação com familiares, principalmente os que estão no grupo de risco ou que moram em locais onde a doença está mais intensa.

A vida pós-pandemia

As universidades estão tentando ainda lidar com os problemas colocados pela COVID-19 no curtíssimo prazo, que é o primeiro semestre de 2020. O cenário é instável e é difícil planejar o futuro frente às consequências da crise sanitária, agravada pela crise econômica, e também pela crise política. Mas, é preciso olhar para frente. A vida durante a pandemia leva a pensar pelo menos sete pontos de agenda de pesquisa.

1. Segundo a professora Maria Beatriz Bonacelli, as obras de Manuel Castells sobre sociedade em rede tornaram-se parte da realidade de todos, devido à ameaça de um vírus.
2. A pandemia tornou mais palpável a mudança na forma de fazer ciência, como o uso de *fast track* nas agências de financiamento e de vigilância de saúde,

como lembra Maria Conceição da Costa, professora do PPG-PCT.

3. A pandemia também tem exigido pesquisas cada vez mais profundamente multidisciplinares, como ressalta Vahan Agopyan, reitor da USP.

4. Maria Conceição da Costa aponta que uma agenda de pesquisa que se abre é a análise sobre o parque de equipamentos da área da saúde e sobre mudanças no investimento por parte de empresas de outros setores econômicos. Na mesma linha, os professores Janaina Pamplona da Costa e Marko Monteiro apontam a importância de avaliar a infraestrutura instalada e a expertise do país.

5. Sobre história da ciência, Cristina de Campos, professora do PPG-PCT afirma que é preciso estudar as consequências desses eventos na sociedade, a importância do sistema público universal de saúde e de ter um aparato do Estado para lidar com esses problemas.

6. A pandemia, como mencionado pelo professor Aleix Altimiras Martin, trouxe a necessidade de repensar mecanismos de avaliação de produtividade, que já reforçavam a desigualdades na pesquisa, efeito que deve ser exacerbado durante a pandemia.

7. Marcelo Knobel, reitor da Unicamp, lembra que é preciso melhorar a comunicação sobre a ciência. Para ele, este momento representa uma oportunidade para as universidades se fortalecerem, se souberem participar do debate público e mostrarem que, sem boas universidades, o país não vai para frente.

Nesse sentido, a COVID-19 trouxe uma oportunidade, uma vez que, desde que surgiu a doença, cientistas de todo o mundo têm tido enorme destaque nos noticiários. Biólogos, infectologistas, epidemiologistas, e outros especialistas em áreas diversas, inclusive de Humanas, têm sido consultados para tratar da doença, do vírus e até mesmo para falar sobre expectativas do mundo pós-COVID-19. Esse fato tem ajudado a recuperar a credibilidade na

ciência, e a mostrar, em parte, como é produzida a ciência, por quem e em que condições.

É preciso divulgar a ciência produzida pela universidade pública para mais pessoas, dada a importância da pesquisa científica nas mais diversas áreas.

O esforço das três universidades estaduais paulistas para adaptar as atividades da pós-graduação, sem paralisação total, deve reduzir o impacto da epidemia, mas não sem dificuldades para alunos e professores, e principalmente para aulas e pesquisas práticas. Por outro lado, a COVID-19 tem demonstrado uma oportunidade para expandir a agenda de pesquisas em diversas áreas, ampliando a produção e a divulgação de novos conhecimentos.

Referências:

GIRARDI, G. (2020). Produção científica de mulheres e mães despenca em meio à pandemia de coronavírus. *O Estado de S. Paulo*. Acesso em 19 Maio 2020: <https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,producao-cientifica-de-mulheres-despenca-em-meio-a-pandemia-de-coronavirus,70003306675>

MARQUES, F. (2019). A corrida por indicadores de excelência. Pesquisa FAPESP. Acesso em 8 Maio 2020: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2019/10/09/a-corrída-por-indicadores-de-excelencia-2/>

NAOE, A., PACHECO, D., BERNARDES, J., DIAS, H., & ESCOBAR, H. (2019). Autonomia coloca USP, Unicamp e Unesp entre as melhores da América Latina. *Jornal da USP*. Acesso em 8 Maio 2020: <https://jornal.usp.br/universidade/autonomia-coloca-usp-unicamp-e-unesp-entre-as-melhores-da-america-latina/>

PEDROSA, R. (2020). The dynamics of Covid-19: weather, demographics and infection timeline. *MedRxiv*. Acesso em 13 Maio 2020: <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.04.21.20074450v2>

UNICAMP (2020). *Em carta à comunidade interna, reitor aborda possíveis cenários num eventual retorno às atividades*. Acesso em 20 Maio 2020: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/05/19/em-carta-comunidade-interna-reitor-aborda-possiveis-cenarios-num-eventual>

Obs.: Veja também a versão completa deste artigo.